



# VILA VERDE

AVENÇA

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

VISADO PELA CENSURA

(Composição e Impressão: Escola Gráfica da Oficina de S. José—BRAGA—Telef. 22634)

PROPRIEDADE:

Nossa Senhora do Alívio

DIRECTOR E EDITOR:

Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Padre Severino Pereira Fernandes  
Telef. 92123—Residência Paroquial de Prado—Braga

## Problemas da crise da Lavoura

VII

De quem é a culpa da crise — Binómio Estado e lavradores

É frequentíssimo ouvirmos falar; lemos em livros, revistas, artigos de jornais; barafusta-se nas tertúlias, nas mesas dos cafés, que a Lavoura portuguesa atravessa uma gravíssima crise.

Uns será, porque atinge-os o desespero por se verem desamparados, indivíduos, sem esperança — casa aonde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão —; outros, será com espírito construtivo, numa tentativa de esperança, à procura duma tábua de salvação no meio deste naufrágio; mas, noutros também há o espírito de só dizer mal, sem apresentar qualquer ponto de reconstrução.

O facto inegável da crise da Lavoura portuguesa foi reconhecido em seus pormenores, suas causas e remédios, em alocução pública, pelo dinâmico, estudioso e sincero amigo da Lavoura, senhor dr. Mota Campos, então Secretário da Agricultura, perante as entidades oficiais. Os deputados também se têm feito eco da crise nas suas regiões.

Surgiu, no meio das trevas um arco-íris de esperança, traduzido em legislações ou seus projectos, numa actividade acalentadora, a rasgar novos horizontes. Porém o arco-íris esfumou-se, e as esperanças esvaíram-se numa paralisa. Voltámos à primeira forma.

Sabemos que a crise da Lavoura é mundial, atingindo as nações mais prósperas, mas nós, pelas estatísticas internacionais, vamos na cauda dos mais atrasados.

Citam-se países pequenos, como a Holanda, Bélgica, Suíça; e outros, que também atravessaram os horrores da guerra, como a França, a Itália, e mesmo a Espanha, que nos dão exemplos de organização agrícola e de estabilidade económica desse sector.

Quem é culpado do nosso atraso, a que quase somos forçados a chamar imobilismo? Uns dizem: é do Estado; outros dizem: é dos lavradores.

É verdade que ninguém quer confessar-se culpado.

A resolução do nosso problema agrícola não pode equacionar-se nem só com o Estado, nem só nos lavradores, mas sim pela acção orientadora, persistente, financiadora do Estado,

com a acção organizada, contínua, confiante dos lavradores.

É um binómio: Estado e lavradores.

O Estado só por si pouco pode fazer. Está bem patente o caso da Rússia e dos seus satélites, armados em Estados patrões; e depois de muito sangue suor e lágrimas, viram-se coagidos a confessar o insucesso. É o caso do intervencionismo total, exagerado do Estado.

A intervenção do Estado tem de ser processada num dirigismo moderado, mas eficaz. Por exemplo, a Alemanha, para poder fazer face à concorrência do Mercado Comum, porque tem os preços mais caros dos países membros, nos géneros agrícolas, vai emparcelar, sobre diversas formas, milhares de propriedades que não têm capacidade de exploração económica, obrigando o Estado a subvenções enormes.

(Continua na 4.ª página)

## Assembleia Geral dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde

No dia 27 de Janeiro, efectuou-se, no quartel dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde, a Assembleia Geral anual de sócios desta prestimosa Associação.

Presidiu o Reverendo Padre Manuel Gonçalves Diogo, secretário pelos senhores Manuel Fernandes e Manuel Matos.

Foram discutidas as contas de 1963, que foram aprovadas, sendo a receita e a despesa de 70.790\$70.

Adquiriu-se de material novo 39.522\$50 e está em depósito às ordens da referida Inspecção 32.277\$50, para material.

Assim, de ano para ano, os nossos Bombeiros adquirem o material indispensável para os serviços no Concelho de Vila Verde.

Foi resolvido louvar o Comandante, senhor José Joaquim da Mota, seus auxiliares e o Corpo Activo pelo seu apuro e aproveitamento; agradecer à Câmara Municipal os auxílios concedidos.

Foi ainda aprovada a nomeação do senhor Francisco de Assis Ferreira de Almeida como socio benemérito por insignes benemerências prestadas.

## O Cancro da Emigração

IV

Nesta série de artigos já talvez longa e que me proponho concluir, não por que já esteja esgotado o assunto em causa mas porque receio tornar-me fastidioso, tenho procurado provar que a emigração tem sido nefasta para Portugal. Já noutro e também extenso escrito que publiquei, há tempos, nestas colunas sob o título "A Emigração é um Mal", eu, que também andei muito por esse mundo de Cristo, afirmei que nunca tinha visto miséria, infortúnio tão grandes como presenciado na então capital do Brasil, especialmente durante os anos da primeira Grande Guerra, em que, ali, muitos morriam de fome e muitos mais passavam as noites ao relento por não poderem pagar qualquer alojamento. Foi uma crise terrível, pois, como nesse tempo não só muitos géneros alimentícios como também matérias primas para a indústria e produtos diversos, como cimento, ferro, toda a espécie de máquinas e ferramentas, etc., etc., vinham do estrangeiro, a deflagração do conflito, dificultando a navegação transatlântica, fez com que muitas fábricas e sobretudo a construção civil em que se empregava a maioria dos nossos patrícios ficassem paralisadas. Só quem assistiu ao que então ali se passou pode ter uma noção real do facto e verificar que não exagerei. Refiro-me a estas coisas para que os que nunca de cá saíram saibam que fora da sua terra nem tudo são facilidades e triunfos. Ainda agora lemos nos jornais que, no Rio de Janeiro, mendigos foram afogados a um rio qualquer por policiais que assim queriam libertar a cidade dos indesejáveis necessitados, do mesmo modo que, em Esparta, eram exterminados os inválidos, ou os delinquentes eram, na antiga Roma, afogados na Rocha Tarpeia. E tenhamos em conta também o flagelo das secas que avassala o nordeste do Brasil e que inspirou ao nosso genial Junqueiro o dramático poema "A Fome no Ceará". Não cito estes factos com o sentido de menosprezar o Brasil e muito menos as qualidades da sua gente, que devem estar sempre no nosso coração de portugueses, já que esse grandioso país é a mais maravilhosa criação que, em todos os tempos, um povo pôde realizar, e é a nós que cabe essa glória.

Também há pouco, depois que começou a invadir a Europa a vaga de frio que ainda se mantém, publicaram os jornais notícias de Paris a dizer que as autoridades daquela capital tinham recolhido legiões de desgraçados sem lar, abrigando-os em barracões e fornecendo-lhes sopa quente, porque é preciso que se saiba que muita gente desprovida de meios tem na cidade-luz, unicamente as pontes do Sena por tecto, e por subsistência o que a eventual caridade alheia lhes proporciona. Isto passou-se em Paris, que é a metrópole da inteligência, mas também um vasto tremedal de vícios e misérias, centro das artes e das ciências e, ao mesmo tempo, nova Cloaca Máxima do deoboche.

Não admira que haja, ali, um nível elevado de vida que tenta os nossos trabalhadores. A França é rica — não porque o seu solo seja mais fértil do que o nosso ou o seu povo mais trabalhador do que o português. A França é rica como é rico um terreno que serve de montureira ou que recebe a vasa dos esgotos de um aglomerado urbano, e digo isto quando considero os milhares de turistas que permanentemente enxameiam a dita França e que, quando deixam uns magros francos na visita ao Louvre ou à Notre Dame, dissipam milhares de francos "per capita", nas "boites" de Montmartre e noutros lugares quejandos. A França é rica porque de lá vêm as mil futilidades escusadas para satisfação da vaidade de outras gentes. Só os filmes em que a Bardot exhibe as rotundidades do seu corpo, afinal vil lama colorida, como dizia o Santo, acarretam mais dinheiro estrangeiro para o seu país do que Portugal recebe pelo precioso vinho do Porto, que tanto suor custa a tantos milhares de obreiros e que consegue exportar, através de tantas dificuldades!

Não invejamos, porém, tal riqueza nem o nível de vida dessa nação que precisa dos trabalhadores estrangeiros porque desobedecendo à ordem do Senhor: uni-vos e multiplicai-vos e tendo por preceito de vida o "profitos de l'heure qui passe", tem, talvez menos população do que a que tinha há meio século isto se descontarmos a grande massa dos que, idos de fora lá se domi-

(Continua na 2.ª página)

## Através dos Factos

"O Ocidente está irremediavelmente condenado se não se converter ao amor fraterno universal." Esta frase que L. J. Lebert deixou gravada no seu livro *Suicídio ou Sobrevivência do Ocidente?* é afirmação do investigador paciente e do especialista em questões relativas à posição das sociedades humanas nos respectivos contextos mundiais.

Ocidente entende-se aqui naquele sentido usual, apesar de inexacto. Inexacto por ver o resto do mundo à luz de meia dúzia de países da Europa ou das Américas! Trata-se, é certo, de critérios puramente relativos, humanos, mas que chegam a ofender muitos povos quando tomados demasiado exclusivamente.

O Ocidente, embora tradicionalmente ávido de riquezas, não foi sempre egoísta. Mesmo que não existissem outros casos, bastavam o de Portugal e de Espanha, para referirmos apenas

povos irmãos. O Ocidente também repartiu pelos outros a cultura, a civilização e outros valores morais e espirituais.

Todavia não quer isso dizer que o tenha feito dentro de um amor sincero a toda a humanidade como o exigiam os seus conhecimentos da verdade divina da Revelação. É este abandono radical e propiciado das suas tradições cristãs que serve de base para a sua destruição. O mundo ocidental da fase moderna preferiu ao tipo sacral de civilização, característico da Idade Média, um tipo de cultura antropocêntrica. Se por um lado o humanismo moderno realçou certos valores do homem, subordinou-os, por outro lado, a um tal condicionalismo terrestre que mais não fez do que aviltar o mesmo homem.

\* \* \*

Nas conclusões gerais do livro que o citado autor apurou dos seus 30 anos de paciente investigação mundial, afirma-se ser fácil reconhecer os males materiais de consequências espirituais que afligem sobremaneira a humanidade. E esse erudito escreve: "três quartos da população da Terra são famintos ou mal alimentados, e portanto, expostos a toda a espécie de flagelos sociais: doenças de carência, parasitárias, de vírus, etc. Para a grande maioria das populações urbanas, a habitação é insuficiente, precária, insalubre; as famílias vivem em promiscuidade".

(Continua na quarta página)

## Duas Estrelas

Cávado abaixo vão duas Estrelas Ridentes, belas, fulgurando Amor! Uma, traquina, tagarela aos ventos, Outra, lamentos canta ao lírio em flor!

Buscam no espaço sideral a meta Como o poeta busca a musa em flor! Eu busco nos seus raios fulgurantes Ternos calmantes para a minha dor!

Giram no Espaço ambas lado a lado, Nelas não vejo a sombra do pecado, Mas a doçura que me inunda a alma;

Ídilio virginal em tarde amena: E' uma quase loira, outra morena, Formando em conjunto uma só Palma!

Praia do Faial, Agosto de 1962.

GOTA d'ORVALHO

## Reunião do Conselho Municipal de Braga

Para apreciar o Relatório da Gerência de 1962, reuniu o Conselho Municipal de Braga, sob a presidência do Sr. Presidente da Câmara.

Antes da aprovação do Relatório, vários Conselheiros usaram da palavra para chamar a atenção a determinados problemas e a todos o sr. dr. Francisco de Araújo Malheiro deu precisas informações a cada caso.

No Relatório constavam todas as inaugurações, obras em curso e em projecto, reparações correntes, assistência, cultura, serviços municipalizados, despesas extraordinárias e ainda a Relação e Montante das obras realizadas na zona rural do concelho de Braga no ano de 1962.

Como a Reunião e Relatório foram publicados na imprensa local, todos ficaram ao par das realizações, projectos e despesas na cidade e na mais humilde aldeia do concelho.

Enviando os nossos parabéns à Câmara Municipal de Braga, sugerimos que outro tanto se faça cá em Vila Verde a fim de todos sabermos das realizações e projectos do nosso Conselho Municipal.

No nosso humilde entender, só havia a lucrar com isso e "O Vilaverdense" pôe-se à disposição desse Conselho oferecendo-lhe gratuitamente as suas colunas.

Esperamos que um dia havemos de poder dar parabéns à nossa Ex.<sup>ma</sup> Câmara também, como neste momento podemos dar a todas as Câmaras do Distrito que vêm desde há muito publicando os seus relatórios na imprensa local.

## CONFERÊNCIA do sr. dr. Adriano Moreira

No dia 15 de Fevereiro, por gentil convite do sr. Dr José Bacelar do Patrocínio Oliveira, magnífico reitor da Faculdade de Filosofia de Braga, assistimos à notável conferência que o Sr. Doutor Adriano Moreira proferiu na Biblioteca daquela Faculdade.

A lição do distinto professor do Instituto Superior dos Estudos Ultramarinos sobre «As liberdades Públicas e a actual balanço dos Poderes». Versou sobre a dedução dos direitos do homem, desde a independência dos Estados Americanos, 1789 na proclamação francesa, na proclamação soviética, facista e do nacional socialismo, até à proclamação de 1945 da O. N. U. e a interpretação desta última proclamação pelos diversos Estados; origem dos direitos do homem, ecção do ocidente na verdadeira interpretação, origem cristã do sentido dos direitos do homem.

Assistência foi muito numerosa, com todas as mais altas Autoridades Cívicas e religiosas e elementos preponderantes de todo o Distrito de Braga, que quiseram homenagear e ouvir o ilustre professor a quem Portugal tanto deve na campanha do Ultramar.

## Freiriz e seus Párocos

A existência das duas freguesias como tais de Santa Maria e São João de Freiriz já consta dum importantíssimo documento elaborado no último quartel do século XI. Aí consta que a primeira (Santa Maria) era obrigada a dar anualmente ao Deão da Sé um moio ("modium") e a segunda um "jantar" ao Bispo (1).

A explicação que estão a pedir é a seguinte: o moio compreendia 24 alqueires de cereal e o jantar em dar pousada e alimentação ao Prelado e sua comitiva na sua visita anual e obrigatória às paróquias.

Isto no século XI mas é sabido e evidente que a génese é lá muito para trás uns bons séculos, talvez no quarto ou quinto. Quer dizer: começou a esboçar-se no tempo dos romanos e a ganhar forma e personalidade nos tempos germânicos (século 5.º, 6.º e 7.º) e mouriscos (séculos posteriores) até chegar ao seu ponto máximo, isto é, um aglomerado populacional unido por vínculos morais de costumes, religião, trabalho, Igreja, autoridade e limites mais ou menos definidos; numa palavra: pessoa moral "ius juris".

Temos assim que o dito aglomerado nasceu e se desenvolveu à volta do senhor (o "dominus") do Paço ("Palatium") e quem lhe deu o chamadouro foi um tal Frederico, importante senhor suavo ou visigótico que a prezar, proprietário e arroteador duma parte destas terras (2).

Contudo (e assim já vamos directamente ao assunto) com o decorrer dos tempos o vínculo principal de união exercido pelo tal "dominus", passou para a Igreja e de tal modo que os habitantes começaram a denominar-se "filii ecclesiae", ou seja filhos da Igreja donde vem a palavra "fregueses". Tudo isto se deu numa sucessão natural e espontânea (3).

Já tudo está a ver como é importante e interessante conhecer os párocos da freguesia pois são eles os autênticos representantes do Bispo e consequentemente da Igreja no meio das populações cristãs.

E sem mais, vamos então à lista:

- 1370 — Gonçalo Esteves.
- 1508 — Afonso Anes (4).
- 1523 — André Anes.
- 1540 — João Nunes de Barreto (5).
- 1638 — Francisco Melchior.
- 1639 — António Pessoa († 4-11-1685. Coadjuutor: Francisco Ribeiro)
- 1685 — Francisco Pinheiro da Silva
- 1686 — João Pinto de Magalhães
- 1690 — José Madureira da Costa
- 1692 — João Pinto de Magalhães (novamente pároco)
- 1719 — Domingos Alves Pinto de Carvalho. Coadjuutores: Domingos da Costa e António Fernandes
- 1757 — José Luiz Pereira da Silva Malheiro
- 1760 — Luiz Francisco

(Continua na 4.ª página)

(1) P.º Avelino de Jesus Costa in "O Bispo D. Pedro... v. II, pg. 159.

(2) N. M. in dois artigos sobre «A vila, Paço e Couto de Freiriz?» e um «Freiriz, terra de Freires?» Vilaverdense de 1959 e 60.

(3) P.º Miguel de Oliveira in «As paróquias rurais portuguesas» pg. 83.

(4) O que organizou o Tombo desta freguesia. Na elaboração do de S. Mamede fez-se representar pelo capelão Padre Francisco Gonçalves.

(5) N. M. in Vilaverdense, n.º 80, artigo "Um ilustre Abade de Freiriz.."

**A COMERCIAL DE PRADO**  
— DE —  
**Fernando Duarte Pedroso**  
Agente da Companhia de Seguros "Tranquilidade"  
Azules, Mercaria, Vinhos, Refrigirantes, Ferragens, edubos e Metais de Construção  
Revendedor de BUTAGAZ e produtos SHEL.  
Villa Verde TELEPHONE, 92115 PRADO

# O Cancro da Emigração

Continuação da primeira página

ciliam para trabalhar em lugar dos nacionais, incorrigíveis gozadores como lhes chamava o Hitler de triste memória. Felizmente há uma boa parte da França que é sã e laboriosa e se me detive a apontar o seu mau foi, unicamente, para esclarecer certos portugueses que só sabem dizer mal da sua terra, exagerando as virtudes das alheias. Frizo também que, ainda há pouco os jornais informavam de que havia, na opulenta nação norte-americana oito milhões de desempregados e também a Venezuela, miragem que seduz tantos dos nossos se deve a sua prosperidade ao petróleo que encharca as entranhas do seu solo mas não se deve fiar muito de tal prosperidade sobre a qual está suspensa a espada de Dâmocles das convulsões políticas.

Até aqui espretei-me em argumentos contra a nossa emigração. Agora vou empenhar-me em sugerir como em Portugal se poderia viver melhor, sobretudo no que diz respeito às classes mais sacrificadas, isto é, depois de observar a doença vou propor a terapêutica que entendo adequada.

No crepúsculo do século passado, um homem de valor resolveu montar na margem esquerda do Cávado aí quase em frente à Vila de Prado, uma indústria, grande para a época, tendo escolhido aquele local para aproveitar como força motriz, as águas do rio e para o que se tornava necessário construir uma barragem em toda a largura do seu leito. A empresa era difícil e dispendiosa e, (estou a louvar-me em declarações de passoa desse tempo e idónea) não faltou quem tentasse dissuadir o empreendedor, do seu propósito, sob a alegação de que qualquer represa não resistiria às cheias periódicas do rio. Sempre segundo os informes que me deram, o interessado que era o Visconde de Ruães, só teve uma resposta: a represa há-de ser feita nem que não seja senão com sacos cheios de patacos! É possível que o Visconde de, pelo visto tinha também a nobreza do trabalho, não chegasse a colher o resultado dos seus esforços mas a empresa que fundou é hoje a próspera Companhia Fabril do Cávado da qual vivem centenas de famílias da região e que sem a referida iniciativa seriam outros tantos párias da lavoura senão pudessem emigrar também.

Eu que sempre vivi do trabalho, na minha infância como moço de lavoura, depois no comércio e na indústria, tam-

bém resolvi, um dia, instalar na Vila de Prado uma indústria, nova no país, cujo produto vinha da Espanha quase só por contrabando. Havia quem se atrevesse a transpor, de noite, o rio Minho ou a rala seca, transportando à sorrelha o referido produto sujeitando-se, por vezes, à fusileria dos "carabineros", ou à acção repressiva da nossa Guarda Fical mas quanto a tratar de fabricar aqui tal artigo, aliás de grande consumo, tal não ocorria a ninguém. Instalei, pois a dita indústria em Prado, local nada indicado para o efeito por se tratar de meio rural onde tive de tudo improvisar e com muitas dificuldades por ser também leigo no assunto. O que me levou a preferir Prado foi o facto de aí ter família e de ser local isolado onde não se suscitaria a concorrência. Mas que luta tive de sustentar para levar por diante o meu propósito! Pessoa de família, aliás bem intencionada, insistia comigo para que comprasse um campo com o dinheiro que ia destinar às máquinas. Houve até alguém, pessoa importante da terra, pelos avultados cabedais que tinha herdado que ao ouvir, um dia, o ruído das minhas máquinas disse aos que o acompanhavam: "Este sujeito que vem aqui fazer? e aqui morre de fome porque ninguém lhe compra nada.. Homem bom mas tecanho cujo raciocínio não ia além do que podia obter das suas quintas ou do seu dinheiro, tudo obtido sem esforço. Mas esta mentalidade é a de todas as nossas regiões atrasadas onde só na agricultura se busca o processo de viver e, mesmo assim, utilizando os mesmos métodos dos tempos faraónicos. Eu nem morri de fome nem precisei de vender os meus artigos no meio onde os fabricava porque, mesmo antes de conseguir normalisar a produção, para todo o país, desde Lisboa e Porto até aos mais remotos agregados populacionais, para os Açores e Madeira e até para a nossa África eu vendia quanto fabricava. Infelizmente, o excesso de trabalho, levado ao último limite, inutilizou-me para toda e qualquer actividade e tive de alenar a indústria, mas nos 4 ou 5 anos de funcionamento da fábrica, aliás modesta, ganhei mais dinheiro do que o que, na melhor das hipóteses, poderia obter numa vida inteira numa empresa agrícola em que empregasse o mesmo capital. Não o digo por vaidade mas tenho a certeza de que com a minha indústria, negociando com mais de mil firmas nacionais e até algumas estrangeiras com as quais me correspondia também por serem meus fornecedores, tornei Prado mais conhecido em meia dúzia de anos do que até então o fora essa terra que, aliás, muito estimo.

Falei no caso da Fábrica de Ruães e no meu humilde caso também e vou agora, deter-me sobre o fenómeno da minha terra, S. João da Madeira, porque ele é o argumento mais relevante da minha tese sobre a emigração.

Quando também emigrei, em 1907, a minha terra era uma das 20 freguesias de Oliveira de Azemeis e tinha cerca de 3.000 habitantes, quando a Vila de Prado tinha cerca de 2.500. Assim, as duas povoações quase que se equivaliam. Viviam-se aqui da lavoura tal como aí no Minho e a emigração processava-se num tal ritmo que era muito rara a família que não tivesse um ou mais membros no Brasil. Quando cheguei ao Rio de Janeiro já havia lá dois irmãos da minha avó, dois irmãos da minha mãe e pouco depois da minha ida foram também dois meus irmãos e cerca de uma dúzia de primos. Nessa altura, no quadro pobre, amorticido da minha aldeia, só se desfacavam as pinceladas berrantes dos palacetes dos "brasileiros", na melhoria do Pará, desses poucos que, na época aurea da borracha amazônica, ali tinham feito fortuna e que, por patriótico costume, freziam para o torrão natal os seus cabedais, aqui adquiriram propriedades e constituíam família, não deixando os seus descendentes de ser portugueses.

(Continua na 4.ª página)

## Scooter Laverda 49 C.C. (Isenta de Carta)



**MODELO 1962 — 3 velocidades**  
MOTOR A 4 TEMPOS — Válvulas à CABEÇA  
TRABALHA A GASOLINA SEM MISTURA DE ÓLEO  
Consumo 1,8 aos 100 quilómetros  
NÃO FICA MAL A QUEM QUER QUE SEJA CONDUZIR  
UMA SCOOTER, PELO CONTRÁRIO, DÁ-LHE DESTINÇÃO  
Distribuidores: STAND MOTOM  
Rua Sá da Bandeira, 637 — Tel.: 28989; Estado, 228 — PORTO  
ACEITAM-SE AGENTES

## Beato Inácio de Azevedo e 39 companheiros

### Apelo às almas generosas e missionárias

Vai-se aproximando o Ano de 1970, em que faz 4 séculos que o Beato Inácio de Azevedo, S. J. e 39 companheiros, apelidados os 40 mártires do Brasil, foram martirizados pelos protestantes calvinistas, no mar, junto das Ilhas Canárias. Nós temos que celebrar este centenário duma maneira digna dos Beatos mártires e a mais digna é pedir ao Senhor que por sua intercessão faça os milagres necessários para que nesse seu 4.º centenário sejam canonizados. Muito deve interessar-nos esta causa, até por legítimo patriotismo. Destes 40 márti-

res, 32 eram portugueses e os 8 restantes espanhóis.

Se forem canonizados o martirológico nacional ficará logo enriquecido com mais 32 santos... E nesta conjuntura, em que a acção missionária de Portugal está sendo tão mal interpretada, seria oportuníssima a glorificação de tão numerosa falange de missionários portugueses.

Vamos então fazer uma intensa campanha, pedindo ao Senhor, que por intercessão destes seus fiéis servos, nos conceda graças insignes que possam ser classificadas como verdadeiros milagres. Recorramos, pois a eles nas nossas aflições e incitemos os outros, especialmente os doentes, a fazerem o mesmo. Mas como se há-de recorrer a quem não se conhece?

É preciso, portanto, começar por dá-los a conhecer. Hoje não faltam para isso elementos, eis alguns:

- 1) A vida dos Beatos: Uma Glória Nacional.
- 2) Lindo Quadro dos Beatos, a 6 cores.
- 3) Postais ilustrados dos mesmos.
- 4) Estampa novena dos Beatos.

E agora pergunto, não haverá em cada freguesia do nosso Portugal, ao menos, uma alma generosa e cheia de espírito missionário que se ofereça

para trabalhar nesta causa dos 40 missionários mártires.

Já me contentava que cada uma destas almas, vendesse ao menos 3 livros: Uma glória Nacional e os fizesse passar de mão em mão, para que todos fiquem conhecendo esta glória da nossa Pátria. Depois 2 Quadros, ou ao menos um, mas para a Igreja, onde fosse exposto e venerado, para que os fiéis a eles possam recorrer. Dez postais, para começar a circular pelo país e por fora, a sua imagem para assim se tornarem conhecidos. Depois umas 400 novenas, uma para cada lar, para que todos tenham à mão a oração para se dirigirem aos beatos, pedindo-lhes graças...

Está próxima a 1.ª novena de 13 a 26 de Janeiro, como sugerimos no artigo anterior: «duas novenas aos 40 mártires do Brasil» e espero que todos os Rev. Párocos a farão, pedindo ao Senhor milagres, a conversão dos protestantes e muitas vocações missionárias de jovens e donzelas, para irem cristianizar e tornar mais portuguesas as nossas Províncias Ultramarinas...

Fica esperando a resposta a este apelo às almas generosas e missionárias a propagandista da causa.

P.º A. Santiago, S. J.  
Largo das Teresinhas, 5  
Telef 22485 — Braga

**Casa dos Puxadores**  
**SALSA**  
(Marca registada)  
**MANUEL FERREIRA (SALSA)**  
(Herdeiros)  
Fundição de Metais — Niquelagem — Cromagem — Castiçais — Baldaquinos — Serpentinhas — Sacários em Bronze, Latão e com Cofre em Ferro com Segredos.  
Emblemas para Bandeiras em diversos tamanhos e feitios  
ADORNOS PARA ESTABELECIMENTOS E IGREJAS  
ARTIGOS DE CONSTRUÇÃO CIVIL, ETC.  
Ferragens para móveis antigos e modernos em todos os estilos  
RUA DE D. PEDRO V, 129  
Telefone 22768  
BRAGA — (Portugal) (2)

**Mulher horrivelmente queimada**  
O frio tem causado entre as gentes pobres, no nosso Concelho, muitos desastres por queimaduras às lareiras, em busca dum fogo acalentador, que se torna traiçoeiro.  
Mas o desastre mais horrível deu-se na freguesia de Travassós, no dia 7 de Fevereiro: A pobre Antónia Rosalina de Sousa, solteira, de 68 anos, que vivia sozinha, foi encontrada pelos seus vizinhos, morta, tendo o fogo devorado todo o seu vestuário andrajoso e parte das suas carnes.  
Talvez adormecesse entoxicada junto da lareira, e depois deu-se o terrível drama, que, constrangeu o povo desta região.  
Acutelem-se os pobres, porque sempre ouvimos dizer que o fogo é um ladrão traiçoeiro.

**AS MAIS SELECIONADAS ÁRVORES DE FRUTO**  
PLANTAI AS NOSSAS ÁRVORES E COLHEREIS OS MELHORES FRUTOS  
As melhores sementes de flores e hortaliças.  
As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos Internacionais, Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas.  
Construções de jardins, parques e pomares.  
Catálogos grátis (8)  
**ALFREDO MOREIRA DA SILVA & F.ºs, L.ºa**  
Rua D. Manuel II, n.º 55  
PORTO  
Telef. 21957 — Teleg. Roselândia.

## Grandioso Cortejo de Oferendas

em PORTUGAL DE PENELA

No dia de Reis, tal como havia sido marcado, realizou-se um cortejo de oferendas para a nova Residência Paroquial.

A chuva que durante o dia não parou de cair, veio prejudicar imenso e por tal motivo ele não rendeu como se esperava. No entanto apareceram bastantes carros de madeira, alguns dos quais de pessoas doutras freguesias.

Neste momento não podemos ainda dizer qual a receita deste cortejo, pois que bastantes coisas se encontram ainda por rematar... Mas «bem hajam» a todos, porque já foi um auxílio muito grande.

E aos amigos, aqueles que disseram presente ao nosso apelo, o nosso muito obrigado. Que a todos Deus recompense 100% na sua generosidade.

**Fogões de sala em tijolo**  
O proprietário deste estabelecimento participa aos Ex.ºs Clientes e Amigos que tem em depósito, prontos a entregar, muitos e vários modelos a preços muito em conta  
RUA DOUTOR ALVES VEIGA N.º 120  
Telefone 25862 PORTO

**Fábrica de Bordados Regionais**  
DE **Maria Helena Dantas**  
Variedade de Linhos: — Toalhas de Mesa em todas as medidas.  
Jogos à americana: — Tabuleiros, sacas, guardanapos, etc.  
Ainda um grande sortido em puchados e em perlé, e bordados regionais  
LUGAR DA PONTE — Prado Telef. 92147 BRAGA

**ASSIM VAI A SORTE... NA CASA DA SORTE**  
Desde o principio do ano  
**12 PRÉMIOS GRANDES 5.450 CONTOS**  
Pela extração de 15 de Fevereiro:  
**SORTE GRANDE—24.517—1.500 Contos**  
**2.º PRÉMIO — 30.061—200 Contos**

7.266 — 10.220\$00	21.656 — 3.220\$00	17.122 — 3.000\$00
10.526 — 10.220\$00	1.991 — 3.000\$00	22.380 — 3.000\$00
17.710 — 10.000\$00	3.035 — 3.000\$00	32.155 — 3.000\$00
24.516 — 6.530\$00	3.889 — 3.000\$00	36.163 — 3.000\$00
24.518 — 6.530\$00	7.279 — 3.000\$00	39.392 — 3.000\$00
32.262 — 4.000\$00	10.520 — 3.000\$00	40.541 — 3.000\$00

Tudo em bilhetes com o CARIMBO e a MARCA da

**CASA DA SORTE**  
No próximo dia 1 de Março:  
**LOTARIA ESPECIAL**  
1.º Prémio — 3.200 contos  
Bilhetes-duplos a 440\$00 — Vigésimos-duplos a 22\$00  
Habilite-se aos balcões da  
**CASA DA SORTE**

Aprecia Café?  
Tome Café na PRINCESINHA  
compre o delicioso  
**Café Princesinha**

Visite a Secção de Louças da PRINCESINHA,  
adorno e utilidades, lindos plásticos.  
Instalada na antiga Relojoaria TIC-TAC  
Tel. 92110 VILA DE PRADO

# Notas de Lisboa

## Evolução

Conheço um senhor com 88 anos de idade que está ainda muito rijo e lucidíssimo apesar de ao longo da vida ter dispendido intensa actividade intelectual. Mesmo nos dias calmosos do Verão ou em noites desabridas de Inverno, percorre a pé uma distância considerável para ir a um café onde o encontro muitas vezes. Gosto de o ouvir contar episódios de Lisboa dos fins do século XIX que, comparada com a de hoje, era quase uma terra provinciana.

Eu vim para Lisboa estudar, muito novo, em 1932, ou seja: há 30 anos e alguns meses. Desde então nem sempre vivi em Lisboa mas, praticamente, nunca perdi o contacto com ela. Ora de 1932 para cá a evolução operada na Cidade atingiu proporções extraordinárias: não me é difícil, portanto, avaliar a diferença entre a Lisboa de agora e a pacata Lisboa do século XIX. Todavia, vistas bem as coisas, a evolução não foi tão profunda como parece. No ponto de vista material não há dúvida de que a Cidade virou os pés por cima da cabeça; mas, sob alguns aspectos psicológicos, é a mesma que era há 70 ou 80 anos, já que a mentalidade da sua gente mantém múltiplas características também peculiares à gente do século passado e à dos que o antecederam. Cada povo tem traços psicológicos específicos que, evidentemente, não variam de harmonia com as mudanças materiais do meio. Entre esses traços fundamentais há os que se traduzem em virtudes e os que se traduzem em defeitos, o que, de resto, é próprio da condição humana. No âmbito dos pequenos defeitos, em grande número inofensivos, contam-se os relativos a «ditos e mexericos».

A propensão para saber da vida alheia não é apenas um fenómeno próprio de vilas ou de aldeias. Existe também nos grandes centros e, se a pessoa visada tem especial projecção na colectividade, esse fenómeno já pode deixar de ser inofensivo. O falecido Dr. Gregório Merañón sentiu-se numa das suas obras este último aspecto, que considerou muito típico da gente peninsular. Numa aldeia, o conhecimento da vida de cada um quase se impõe pela pequenez do meio e normalmente corresponde à realidade; numa cidade, quando existe a preocupação desse conhecimento há o perigo de deturpações, em resultado da grandeza da terra e da complexidade das relações sociais.

No século passado viveu em Lisboa uma senhora que seia muito e tinha predilecção especial pelo teatro. Gostava sobretudo de assistir às óperas cómicas e às farsas do *Teatro do Principe Real*, que funcionou na Rua Nova da Palma, onde anteriormente existira um caso de baile denominada *Salão Mey-*

*erberer*. Parece que chegou também a participar nos bailes de máscaras realizados num tosco barracão da Rua do Salitre, destinado às exhibições do *Circo Price* e a frequentar outros recintos de espectáculos. Essas saídas contínuas de sossegada Lisboa da época, permitiram anotar-lhe com exactidão os gostos e os passos. Cumpre salientar que se tratava de pessoa muito honesta. Tenho uns apontamentos sobre a Lisboa desse tempo (que talvez um dia me decida a publicar) dos quais consta a história dessa figura que tanta curiosidade suscitou. Do período a que me refiro, já só existem cinzas frias e desconhecidas das gerações actuais.

Hoje, qualquer mulher pode ir ao cinema, ao teatro, às pastelarias, só ou acompanhada, a pé, de autocarro ou de automóvel, sem que os outros se preocupem com isso ou manifestem estranheza. Mas se houver quem reaja de maneira diferente e deseje, como por exemplo sucedia nos tempos tranquilos do reinado de D. Luís, julgar os factos pelas aparências, arrisca-se, em face das condições actuais da vida, em tirar conclusões inteiramente fantasistas. Há casos destes que tanto podem ser divertidos, como lamentáveis. A evolução material verificada na Cidade é, enfim, incomparável com os conceitos e as atitudes de há cem anos — já que ela impôs uma prudente e adequada evolução mental.

Estes comentários foram-me sugeridos por uma conversa a que assisti casualmente, sobre uma outra figura que deve ser «gémea espiritual» da que referi e acerca da qual verifiquei existirem opiniões bastante contrárias à realidade. Para evitar erros destes é que eu me abstenho, por sistema, de formular opiniões sobre quem quer que seja, sem fundamentos irrefutáveis, isto é, sem fundamentos que se meiom pelos olhos dentro de toda a gente. Procedimento contrário pode levar à injustiça, à calúnia, ou até... ao ridículo.

Nunca me hei-de esquecer que certo dia (já lá vão alguns anos) um indivíduo me fez considerações longas e imaginosas sobre um outro que, numa pastelaria, estava acompanhado de uma rapariga. Dizia-me que o tal outro senhor era avô da rapariga e que era de louvar, nestes tempos desorientados, o cuidado que ele punha na protecção da neto, que nunca abandonava. Ora eu conhecia muito bem o tal... avô, pessoa, aliás, categorizada. Simplesmente... os dois não eram avô e neto, mas marido e mulher, legitimamente casados, segundo julgo, à face da lei civil e da Lei de Deus!

E, dizendo isto, dispenso-me de mais comentários!

M. da C.

# CORRESPONDÊNCIAS

## Cabanelas

Exposição na O. M. E. N.

Nos dias 2, 3 e 4 do corrente esteve em exposição no Centro da Obra das Mães para a Educação Nacional, muitos trabalhos de costura, bordados, culinária, etc.

No domingo, dia 3, também fomos ver e admirar os trabalhos ali expostos apesar do grande movimento que ali havia, pois foram muitas centenas de pessoas tanto de Cabanelas como das freguesias vizinhas, que visitaram a exposição.

Na sala de entrada do Centro estavam expostas ao público fotografias de professoras e alunas fazendo os mais variados trabalhos, e apenas dados alguns passos estávamos na exposição; na nossa frente aparecem-nos trabalhos que merecem a aprovação dos visitantes, como sendo toalhas artisticamente trabalhadas, motivos regionais e as arcas, onde as raparigas guardarão os seus trabalhos. Seguidamente vêm-se o Posto de Socorros, a sala de Adorno Doméstico, onde se vê o fino gosto e a habilidade de professoras e alunas. O Artesanato era uma atracção dos visitantes, onde se viam carpetes e muitos trabalhos de valor artístico, destacando-se a tapete oferecida pelas alunas ao nosso Rev. Pároco, a quem se deve a criação do Centro. A culinária ocupava lugar de destaque na exposição, admirando-se as habilidades culinárias das raparigas.

No dia 4 o Centro foi visitado pela Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Isaura, Directora Regional da O. M. E. N., pelo nosso Rev. Pároco e por muitas professoras, que foram recebidas com verdadeiras manifestações de alegria, por parte das alunas.

E assim terminou em beleza este Curso, que muito veio valorizar as meninas de Cabanelas, preparando-as para futuras mães cristãs, pois assim Deus o quer e a Pátria precisa — C.

## Pico de Regalados

No dia um de Fevereiro realizou-se na igreja paroquial de São Paio o funeral de João Cerqueira, casado, agricultor, natural desta freguesia e residente no lugar de Mouris onde faleceu. Foi conforjado com os Sacramentos da Santa Igreja. Apresentamos sentidos pêsames à viúva e aos filhos e ao falecido desejamos o eterno descanso.

### Vilarinho

Realizou-se, mais uma vez, no dia dez de Fevereiro, o Sagrado Lausperene que decorreu com toda a piedade e amor a Jesus Sacramentado. Houve tríduo preparatório que foi muito concorrido e no dia anterior do Lausperene quasi toda a gente desta freguesia se

preparou com a confissão para poder receber as bênçãos que Deus dá a quem está na Sua graça. Começou com Missa solene e sermão e terminou com os mesmos actos do culto e durante a noite e dia houve sempre grande número de pessoas a prestar louvor ao Rei Divino solenemente exposto no altar.

O povo de terra mais uma vez manifestou o seu brío e por isso merece parabéns, não podendo esquecer o nosso amigo José Meireles, prezado assinente do «Vilaverdense» que com grupo de rapazes trabalhou para o brilho destas solenidades eucarísticas.

### Sande

Na Casa de Barranheira desta freguesia faleceu a Senhora Delfina Rosa Peixoto Amorim, com 89 anos de idade, solteira, irmã do falecido Alberto Peixoto Amorim que foi grande amigo do progresso desta terra que lhe deve grandes favores. No dia 17 de Fevereiro realizou-se o funeral na igreja paroquial com a assistência de seis sacerdotes desta região.

Também tomou parte no mesmo grande número de pessoas desta freguesia e das vizinhas, tendo-se notado a presença do Senhor Dr. Bernardo de Brito Ferreira, distinto Provedor do Hospital deste concelho e do Senhor Bernardo Santos Ferreira, estimado farmacêutico em Pico de Regalados.

Fizemos voos ao Senhor pelo eterno descanso da saudosa falecida que durante a sua vida aproveitou todas as graças do Senhor. — C.

## VILA DE PRADO

A freguesia de Prado entrou numa fase de grande progresso... ainda que «alguns» digam que há algum tempo a esta parte só há retrocesso e se não tenha feito nada!

Os jardins começaram a ser cavados em ritmo acelerado, graças ao dinamismo do Sr. Presidente da Junta e... o mais que se verá, com certeza.

Também o altar-mor da Igreja paroquial está a dourar-se e a ficar um «rimo», as obras na cripta sobem em ritmo constante e ligeiro e... uma novidade para os de longe!

O Salão Paroquial, a partir de hoje (embora esteja a funcionar a título de experiência há duas semanas) será transformado em Centro de Recreio Paroquial com Televisão, bilhares, rádio, ping-pong, damas, etc., etc., além do aconchego familiar comum a todos os centros de Recreio. Grande iniciativa esta que vai oferecer à nossa juventude «um lugar ao Sol» quando se fala somente nas trevas em que vivemos.

Um obrigado a todos os que «empatarem seus capitais» no sentido de colaborar para o engrandecimento do nosso Salão Paroquial.

## Luiz Gomes Bessa

No dia 12 de Janeiro, foram trasladados para o jazigo de família, prepositadamente construído, no cemitério de Agrémonte, no Porto, a urna com o corpo de Luiz Gomes Bessa. Assistiram à trasladação muitos amigos, sócios e família do ilustre finado, que foi uma alma cristalina de bondade; espírito empreendedor que fundou uma grandiosa empresa comercial e industrial, precursora da obra de acção social dos seus operários.

Foi um dos maiores amigos de Vila Verde, por cujo progresso muito trabalhou, espalhando tantas vezes nesta terra a quem queria como se fosse a sua, a caridade pelos seus pobres.

Em representação de Vila Verde, além das pessoas de sua família, celebrou a Missa na Capela do Carmo, no cemitério, o Reverendo Pároco de Vila Verde, que benzeu o novo jazigo e presidiu às cerimónias da trasladação.

## Animais — Aves — RAÇÕES

Preparam-se juntando aos cereais ou resíduos «CALCIO mais VITAMINAS E ANTI-BIÓTICOS», (Mais economia e eficiência).

Laboratório da Farmácia Pinho Guia - (Leiria)

## A' Margem do Homem

### Santa Marinha de Oriz

— Encontra-se doente e retida no leito a Sr.<sup>a</sup> Rosa Fernandes (Paz), do lugar de Costinhas. Desejamos-lhe melhoras.

— De visita aos sens, por alguns dias, veio de Lisboa até nós o Sr. Raúl de Jesus Rodrigues, do lugar do Paço.

— No passado dia 2 caiu nesta região e até onde a vista alcançava no horizonte, o mais forte nevoeiro de que há memória, chegando os telhados a estar totalmente cobertos com uma camada de neve superior a 15 centímetros e parecendo os arames das ramadas grinaldas brancas de alguma ornamentação de festa. Salvo o frio e algumas perneadas de oliveira partidas com o peso ou até derrubadas e laranjais queimados, não consta que houvesse prejuízos de maior nem desastres em pessoas ou habitações, pelo peso da neve. E, pelo lado poético, foi um espectáculo raro e deslumbrante. — C.

### Valdreu

Em 27 Janeiro, na nossa igreja paroquial recebeu o baptismo um filhinho de João Arentes Baptista e Merilita dos Anjos Rodrigues Gonçalves que vivem em Carzedelo. Foram padrinhos João Baptista Gonçalves e Olívia de Jesus Gonçalves.

A criança chamou-se António. — Em 27 do mesmo mês, com o nome de Armando, baptizou-se um menino, filho de Agostinho Martins e sua esposa Delfina Maria de Barros, do lugar da Costa. Foram padrinhos os tios Manuel Martins e Conceição Martins, que vivem em Guilhamil.

— No dia 2 de Fevereiro recebeu o baptismo uma menina, filha de Manuel da Silva Fonseca e Emília de Jesus Pires, do lugar de Lordelo. A criança chamou-se Maria Auxiliadora e teve como padrinhos os irmãos João Pires da Fonseca e Carminda Pires da Fonseca.

### S. Miguel de Oriz

Não resistindo às graves queimaduras sofridas, de que se deu notícia no outro número, finou-se no passado dia 5 de Fevereiro, no lugar da Residência, a Sr.<sup>a</sup> Maria Fernandes de Freitas, de 73 anos, cujo funeral se realizou a 7, com a assistência de vários eclesiásticos. Paz à sua alma e pêsames à família. — C.

# SEM CAR

DAUPHINE — FORD ANGLIA — NECKAR — VOLKSWAGEN  
CONSUL 315 — OPEL — TAUNNUS — VAUXHALL — ZEPHYR-6  
RULOTES

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER SEM CONDUTOR

Visite Portugal  
Nos automóveis da SEMACAR

Uma organização recomendada pelo AOT (NEW YORK) e pelo DINER'S CLUB

Rua da Maternidade, 147 — Telefone, 32099 — PORTO

## Sala de Chá

Todas as qualidades de doce

Esmerado serviço de casamento e Festas de todas as espécies

## DOÇARIA LUSITANA

Rua Francisco Sanches,  
119-127 Tel. 23300  
e Jardim de S.ta Bárbara

BRAGA

## Pastelaria BAR VILAVERDENSE

Fabrico esmerado de doce de todas as qualidades  
Serviço de Casamentos, Baptizados e Homenagens  
Vinhos de mesa, finos e espumantes, refrigerantes  
a preços excepcionais — Café especial

Em Vila Verde, não deixe de visitar a PASTELARIA

## CASA DE PASTO CHAVE D'OURO

JUNTO AO TRIBUNAL

DE — José Torres da Cunha & Irmão

ALMOÇOS | JANTARES | DORMIDAS | BONS VINHOS | PETISCOS

Praça Conselheiro Torres e Almeida, 5 e 6

BRAGA

## Casa Claro

— DE —

Paulo de Sousa Claro

Fábrica e depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

Rua D. Diogo de Sousa, 100  
TELEFONE, 22305 BRAGA



Mário Joaquim de Quelros & C.<sup>a</sup>

TELEFONE, 22013 BRAGA

